



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 1º de maio de 1984

Caríssimos irmãos!

1. Hoje, primeiro de Maio, o tema do nosso encontro não pode deixar de ser a Festa do Trabalho. Desejo hoje prestar homenagem a todos os trabalhadores.

Desde o século passado este dia 1º de Maio teve sempre um profundo significado de unidade e de comunhão entre todos os trabalhadores, para salientar o seu papel na estrutura da sociedade e para defender os seus direitos. Em 1955, Pio XII, de venerada memória, quis dar ao primeiro de Maio também um carácter religioso, dedicando-o a São José Operário, e desde então a festa civil do trabalho tornou-se também uma festa cristã.

Tenho muito gosto em poder exprimir hoje convosco os sentimentos da mais viva e cordial participação nesta Festa, recordando o afecto que a Igreja sempre teve pelos trabalhadores e a solicitude com que procurou e procura promover os seus direitos. Sabe-se que especialmente desde o início da era industrial, a Igreja, seguindo o evoluir-se da situação e o progresso das novas descobertas e das novas exigências, apresentou um "corpus" de ensinamentos em campo social, que decerto tiveram e ainda tem o seu influxo iluminante, a começar da Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII (1891).

Quem honestamente procura conhecer e seguir o ensinamento da Igreja vê como na realidade ela sempre amou os trabalhadores, e mostrou e afirmou a dignidade da pessoa humana como fundamento e ideal de todas as soluções dos problemas relativos ao trabalho, à sua retribuição, à sua protecção, ao seu aperfeiçoamento e à sua humanização. Através dos vários documentos do Magistério da Igreja emergem os aspectos fundamentais do trabalho, entendido como meio para

ganhar a vida, como domínio sobre a natureza com as actividades científicas e técnicas, como expressão criativa do homem, como serviço pelo bem comum e como empenho pela construção do futuro da história.

Como eu disse na Encíclica *Laborem exercens*, "O trabalho é um bem do homem porque, mediante o trabalho, o homem não somente transforma a natureza, adaptando-a às suas próprias necessidades, mas também se realiza a si mesmo como homem e até, num certo sentido, se torna mais homem" (n. 9).

A Festa do primeiro de Maio é oportuna para reafirmar o valor do trabalho e da "civilização" fundada sobre o trabalho, contra as ideologias que, ao invés, apoiam a "civilização do prazer" ou da indiferença e da fuga. Todo o trabalho é digno de estima, também o trabalho manual, também o trabalho desconhecido e oculto, humilde e fatigante, porque cada trabalho, se for interpretado de modo perfeito, é um acto de aliança, com Deus para o aperfeiçoamento do mundo; é um empenho de libertação da escravidão das forças da natureza; é um gesto de comunhão e de fraternidade com os homens; é uma forma de elevação, em que se aplicam as capacidades intelectivas e volitivas. Jesus mesmo, o Verbo Divino que se encarnou para a nossa salvação, quis antes de tudo e durante muitos anos ser um humilde e diligente operário!

2. Apesar da verdade fundamental do valor perene do trabalho, sabemos que são muitas as problemáticas na sociedade de hoje. Já o notara Concílio Vaticano II, quando assim se exprimiu: "O género humano encontra-se hoje numa idade nova da sua história, caracterizada por mudanças profundas e rápidas que se estendem gradualmente ao mundo inteiro. Provocadas pela inteligência e pela actividade criadora do homem, reflectem-se no próprio homem, nos seus juízos, nos seus desejos individuais e colectivos, no seu modo de pensar e de agir, tanto em relação às coisas como aos outros homens. E assim é que já se pode falar de uma verdadeira metamorfose social e cultural, cujos efeitos se repercutem até na vida religiosa" (*Gaudium et Spes*, 4).

O problema principal e mais grave é certamente o do desemprego, causado por tantos factores, como a introdução, em vasta escala, da informática, que mediante os "robots" e os computadores elimina muita mão-de-obra; a saturação de alguns produtos; a inflação que refreia o consumo e portanto a produção; necessidade da reconversão de máquinas e de técnicas; a competição.

Outro problema é o perigo de o homem se tornar escravo das máquinas que ele próprio inventou e construiu. É necessário, de facto, dominar e guiar a tecnologia, porque se assim não for ela põe-se contra o homem.

Por fim podemos citar também a grave questão da alienação profissional, com a qual se perde o significado autêntico do trabalho só se encara o mesmo como mercadoria, uma fria lógica de ganho para poder adquirir bem-estar, consumir e assim produzir ainda, cedendo à tentação do

desamor, do absentismo, do egoísmo individualista, do aviltamento e da frustração e fazendo prevalecer as características do chamado "homem de uma só dimensão", vítima da técnica, da publicidade e da produção.

São problemas bastante complexos sobre os quais não há tempo para nos determos. Mas hoje, 1 de Maio, queremos apontar para a necessidade da "solidariedade" humana e cristã, a nível nacional e universal, para resolver tais dificuldades de modo exauriente e convincente. Paulo VI dizia na *Populorum Progressio*: "Cada homem é membro da sociedade: pertence à humanidade inteira. Não é apenas tal ou tal homem; são todos os homens, que são chamados a este pleno desenvolvimento... A solidariedade universal é para nós não só um facto e um benefício, mas também um dever" (n. 17). Ao *falar em Genebra na Conferência Internacional do Trabalho*, eu próprio disse que "a solução positiva do problema do emprego, supõe fortíssima solidariedade do conjunto da população e do conjunto dos povos: cada um esteja disposto a aceitar os sacrifícios necessários; cada um colabore no estabelecimento dos programas dos acordos tendentes a fazer da política económica e social, uma expressão tangível da solidariedade" (15 de Junho de 1982).

5, Hoje, Festa do trabalho, memória litúrgica de São José Operário, invoco de coração a sua protecção celeste sobre quantos passam a própria vida a trabalhar e sobre quantos, infelizmente, se encontram sem trabalho, e exorto todos a rezarem cada dia ao Pai putativo de Jesus, humilde e simples operário, para que seguindo o seu exemplo e com o seu auxílio cada cristão dê na vida o seu contributo de diligente empenho e de alegre comunhão.

Saudações

Afectuosa saudação também aos Atletas que participam na "Maratona da Paz", organizada pela Sociedade Polidesportiva Desenzanesa, de Albino (Bérgamo).

Caríssimos jovens, que da vossa cidade quisestes trazer a Roma o facho aceso, sinal da luz e do calor a serem transmitidos à humanidade pela verdadeira paz. Sede sempre na vossa vida anunciadores e artífices de paz, segundo o empenho dado por Cristo aos seus seguidores!

Quero também saudar os vários grupos de estudantes, entre os quais recordo a peregrinação da Escola Média Estatal de Montà, da Diocese de Alba.

Preparai-vos, caríssimos estudantes, com seriedade e empenho nestes anos da vossa adolescência, para poderdes um dia enfrentar os grandes problemas da vida, com a força da fé cristã.

A todos vós a minha Bênção Apostólica.

Caríssimos *Doentes*, agora é a vós que se dirige a minha cordial saudação de boas vindas. Festejamos hoje São José Operário. Também para vós essa festa tem um particular significado. O sofrimento, as contrariedades e as dificuldades vividos em união com Cristo, sob um ponto de vista sobrenatural, são um grande e importantíssimo "trabalho", extremamente fecundo e frutuoso para a salvação do mundo, ainda que muitas vezes conhecido só por Deus: mas, afinal, é isto o que conta. Sem dúvida, trata-se de um "trabalho" que desejaria fosse a vós poupado: mas se o Senhor o permite, não desanimeis, ou melhor, quero dizer-vos: se o considerardes com o olhar de fé, sentireis por ele um santo e humilde orgulho.

A minha, afectuosa Bênção vos sirva de apoio e de conforto.

Hoje, caríssimos jovens *Casais*, tem início o mês de Maio. Exorto-vos a pôr a vossa vida há pouco iniciada e a vossa família sob a protecção de Nossa Senhora, a fim de que Ela vos acompanhe sempre.

Recebei também a minha Bênção.